José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz - Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

SUMÁRIO

9-Invocação à musa
10-Dedicatória
11-Prefácio
12-Preposição
13-Galope branco
14-O gavião
15-Ninho ameaçado
16-Pressentimento
17-Rainha do vale
18-Cãs
19-Cunhã
20-Recados do silêncio
21-Confissões de uma adolescente
22-Se eu soubesse pintar
23-Estrela cintilante
24-Santa Cruz
25-Lua
26-Confissões masculinas
27-Animais assombrados
28-Crônica de uma lésbica tarada
29-Tempo
30-Mistérios noturnos
31-Cachoeira
32-Eros
33-Penumbra
34-Herança de uma desafortunada
35-Noite
36-Desilusão
37-Sede de amar

38-Destino
39-Via
40-Sinfonia ecológica
41-Imã do amor
42-Água moça
43-Dê ao poeta
44-Cântico silvestre
45-Musa
46-O encontro
47-Desnudo
48-Navegando no mar das palavras
49-Doméstico
50-Um saco
51-O instante do homem
52-As anfitriãs do desejo
53-Que sou?
54-Maglial
55-Labor
56-Onde moram os estímulos?
57-Lá vem a lua
58-Flor do amor
59-O laço
60-Voz da solidão
61-A tristeza da tarde
62-Cimituí
63-Shakennon
64-Linguagem do olhar
65-Koxi
66-Suicídio
67-O mistério
68-Lua nova de maglial
69-Rio Acaraú
70-Mulher
71-Penugens
72-Ecologistas
73-Navegar
74-Face
75-Luz do vale
76-Poema a Bela Cruz
77-Tu tens pensado?
78-Fillêr
79-Mãe
80-Rosa silvestre
81-Quero
82-Incompatível
83-Delírio do amor
84-Tropismo da arte
85-O não da poesia
86-Sintonia
87-Poema da miséria
88-Célica sensação
89-Os nobres de Bela Cruz
90-Tecendo a teia da solidariedade
91-Ditosa manhã
92-Confissões de um bebê
93-Marujo sagrado
94-O ponto final
95-Obras do autor

Copyright © 2007 by Plauto Araújo

A658C
Araújo, José Plauto

O animal/ Plauto Araújo

Editora Visões do Ulai. 2007

I. Poesia
97p. CDU800

1ª Edição

O animal

por

José Plauto Araújo

São Luís

2007

Editora Visões do Ulai

Biografia

Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 05 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida... Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalto

PREPOSIÇÃO

Observando nosso íntimo, somos surpreendidos pelas lutas que são travadas, nosso impulso-animal insaciável faz guerra continuamente ao nosso espírito dentro do raciocínio que repulsa tais apelos de ânsia carnal.

Foi por esta visão de sondagem que me propus analisar os reflexos do homem animal convivendo junto com o homem espiritual.

Fato este que se déssemos ouvido às vozes que se levantam do animal que mora dentro de cada um de nós seríamos como bestas selvagens em seus instintos carnais desprovidos do senso humano.

Por outro lado o espírito é como uma válvula de retenção, para frear esses desejos que certamente são gozo à carne, mas que trazem conseqüências amargosas ao homem espírito que é de cima e não se satisfaz cedendo aos apelos carnais.

Acreditando que também será um alerta aos meus leitores que, como eu, têm os mesmos problemas que devem ser controlados ou então pagaremos o preço de nossa falta de domínio próprio.

Nessa convicção escrevo.

Plauto Araújo

INVOCAÇÃO À MUSA

Vejo, oh Deus! Dentro de mim o animal, que rosna querendo me sufocar. Grunhindo em ânsias carnais. Estremece meu homem interior, diante do lascivo instinto, que busca ao redor a carne provocante da fêmea imagem que desperta o desejo másculo. Sinto, oh! Deus, as correntezas do sêmen que jorra num convite louco e animal que tenta seduzir-me. E arrastando-me para a sensualidade do terrestre ser, o insaciável impulso do desejo, que não aceita ser reprovado e por isso se inquieta dentro de mim, gemendo num gruno sedento por satisfazer o apetite. Luto, oh! Deus, com esta fera indomável, que me avança e me provoca em minhas portas do ver e do sentir. Inibido estou com este ser irreverente ao pudor, que não te respeita e me quer cegar o raciocínio, me apresentando propostas para a massa latente que me compõe, o tabernáculo onde atuo.

Toma as rédeas desse monstruoso ser que me insulta, oh! Deus, pois só Tu podes domá-lo.

Vejo o objeto manipulado pelo animal, já velho, mas que não se entrega, insistindo em manter as cargas de seus impulsos, que sempre o fogo emana, como de um muturo, diante dos quadros que lhe incendeiam as paixões.

Ainda escuto o rosnar do bicho dentro de mim, como um cão selvagem em seus cios e preso no próprio ato. Acuda-me, oh! Deus, e não me deixes em minhas próprias forças, lutando com esse libidinoso animal.

DEDICATÓRIA

A todas as fêmeas por seu potencial
De nos proporcionar prazer e alegria
Em nossas vidas.

PREFÁCIO

A liberdade de viver tudo que nos fascinam
Sempre foi o desejo de todo animal
Mesmo que existe uma lei natural
Onde o mais forte predomina.
É importante saber que o animal respeita
Naturalmente esta lei sem questionar.
Então, o que o autor quer nos mostrar,
É a liberdade de viver sem preconceito.
E muito mais, o viver despreocupado.
Isto é; sem se deixar intimidar com o juízo de fora.
O que eu chamaria de proibidores recalcados
Pois não vivem o que queriam viver, isto por...
Se deixarem levar pelo juízo de fora,
E uma vez vencidos tomam partido
Ao lado de seus vencedores.
Fazendo-os covardes de não mais viverem para si.
Passando assim a robôs humanos,
Que se deixam ser controlados
Sem mais viverem o que realmente queriam.
Tendo um pavor da expressão:
O disse me disse.
Importante aceitarmos a verdade que
O autor declara, quando afirma:
Dentro de nós há um animal que rosna.
Querendo saciar seu apetite carnal.
Então sacie este animal e serás feliz.

FRANK DALTO

PRESSENTIMENTO

Latem os cães na densa solidão noturna
Uiva o lobo da lua cheia no espojadouro
Cruzando o homem com o lobo no pó.
Enquanto a gélida brisa
Sopra sobre as copas das árvores
Da escura floresta alada do céu.
Sinistros pensamentos arrebatam o medroso
Lá no campo, entre serpenteadas veredas.
Um vulto apressa os passos numa fuga
De algo assombroso entre os latidos
Da matilha furiosa e desconfiada
De repente surge algo medonho
Como um bicho lustroso diante de meus olhos
Seria o lobisomem? Ou meus nervos...?
Rincha como uma égua no cio e passa
Por entre as minhas pernas
Some num segundo
E logo ao longe ouço
Novos latidos pavorosos dos cães noturnos
Enquanto vejo outro vulto
Numa disparada fuga
E nessa pressa some
Por baixo das espessas trevas
Causadas pelas sombras da vegetação
E ruma a sua casa
Numa covarde busca de escape.

GALOPE BRANCO

Na porta da lua, tomei emprestado,
O cavalo de São Jorge
E galopei por estradas prateadas
Estradas largas, que não vi o fim.
E nesta áurea luz, escalei teus montes.
Bicudos e macios, sobre o cavalo branco.
Flutuantes, sobre as penhas ouriçadas.
Sob a luz fria, percorri noite adentro.
Para os montes lascados, de brancos quadris.
Sobre a penugem de tuas partes virginais.
Vargem vulgar, curvas escarlatas.
Córrego do rio, margens incitadas.
Orvalho do prazer, lábios umedecidos.
Neste galope, no teu dorso branco.
Macio e embebido de tua fonte
Mergulhei meu cavalo, suado do galope.
Embrenhei-me no capinzal molhado
Do sereno núpcio e afundei
Junto com meu garanhão,
Lua adentra na escuridão
E nessa viagem delirante
Perdi-me nas partes nuas
Da lua, minha amante.

O GAVIÃO

Do alto vem seu grito de terror.
Que sobrevoa, apavoradas criaturas.
Em uma terra de vidas obscuras
Tombam os indefesos seres
Sob as garras deste observador malvado
De olhar cruel e de face dura e implacável
Ouvi os gritos de medo e pavor das vítimas
Suas tentativas de fuga falharam
E sem defensor que as acudissem
Vi as miseráveis sendo arrebatadas
Pelas garras portentosas do devorador
Pobres viventes, que são ceifadas...
Estão sempre em perigo
E sob o olhar de um ser alado
Que lhes ataca sem o menor aviso
De repente, apenas ouve-se o grito...
E a pobre vítima sobe ao infinito
E quem pode segurar ou socorrer
E nas alturas seus gritos morrem
E as que ficam, já se perguntam:
Quem será a próxima?

NINHO AMEAÇADO

Observei teu labor árduo
Tua luta no arrumar
Teu vai e vem de fiapos e lãs
Do fiar... O requebrar constante
Do teu ciscar... O coice em círculo
No enrolar do fio, o capim.
Teu olhar vigilante e assustado.
Tua pressa, desconfiada arrumação.
No disfarce... Do teu cântico
Numa melodia pálida... ligeira
Teu olhar me descobriu
Temeram teus planos... desistir
Mas, em meio a teu dançar.
No teu trabalho a suar
Nada te fez parar
Teu tempo era chegado
Do botar...
O cio.

RAINHA DO VALE

Como te elevaste, donzela ribeirinha.
Sobre o monte, nasceste de uma capelinha.
E deste origem a esta urbe radiante
Acolheste muitos nobres em teu seio
Em ti descansam nobres portugueses
Comerciantes, realmente altos burgueses.
De ti se alcança o vale verdejante
Outrora teu rio recebeu bravos navegantes.
Verde, alegre e bem povoado.
Vejo elegantes palmeiras emproadas
Quais bandeiras hasteadas
Acenam com suas palhas vasvalhantes
São mãos que acenam aos visitantes
Símbolo do estado, orgulho do Nordeste.
Verdes, esperançosas borboletas vadias.
Mesmo nas estações secas, tu bem te vestes.
Tua verdura enche o vale inteiro
Teu exército, ao nascente, de carnaubeiras.
Aplaudem-te festejante
Neste dia áureo, brilhante.
Comemoramos tua liberdade
De teus cinqüenta anos de idade
O teu nome é esquisito
Mas amo-te assim mesmo, monte de luz.
Em ti Genoveva, ergueu a cruz
E ainda hoje te admiramos, “Bela Cruz”.

RECADOS DO SILÊNCIO

Ouve essas vozes?
Que geme as velhas árvores,
Que na tarde envelhecida...
A noite despede o sol...
Levando a luz consigo.
Deixando atrás a despedida.
Assim, nossa vida se vai,
Nada pude reter comigo,
Nem mesmo um amigo,
Um alguém querido,
Que no além...
Seja-me abrigo.

CÃS

Este animal pensante
De todo prazer amante
Que se pinta, quando velho.
De uma cor branca algodoeiro
Qual cera da virgem carnaubeira.
Que mexe seu passado inteiro
E não encontra resposta
Para sua branca cabeleira.

Ao amigo
Monsenhor
Édison Magalhães

Cunhã

O que me provoca
É; tu seres sisuda.
É; tu seres quase muda.
É teu olhar escuro
Disfarçado e coberto de timidez

O que me provoca
É; tu seres carnuda.
É; tu seres de pouca idade.
É, teu jeito de mulher.
Acabrunhada como todo homem quer.

O que me provoca
É; tua morena cor.
É; teu puro amor.
É; eu não poder tocar.
E nem poder provar,
A cada parte, que tu escondes.

SANTA CRUZ

Se esse rio falasse tua história
E esta flora que resvala ao vento
Murmurasse esse ritmo cronológico
Não ficariam esquecidos teus talentos humanos
Que fluíram de teu solo.
É certo que tens beleza natural
E todo vale canta fogoso
Sob as sombras de teus carnaubais.
De tuas fontes bebi a cultura.
São quase inumeráveis tuas lagoas,
Fertilizando o solo e alegrando o campo.
Nas tuas verdes paisagens que vestes
Ouço tua passarada entoar teu canto.
Não quero hoje falar de teu povo
Quero falar de ti, só de ti.
Minh'alma sobrevoa teu solo
E se alegra com teus pomares.
Tua fauna canta tua memória, tuas glórias.
Através dos anos, um escriba marca tua vida.
Agora, folhas após folha, lêem teu memorial.
E vejo como são imensuráveis teus mistérios.
Nem os mais rudes negam teu potencial.
És meu torrão natal!
Meu regaço danoso
De virgem donzela
Como fêmea fogosa
Pois és amorosa
Minha santa terra
Minha Santa Cruz.

CONFISSÕES DE UMA ADOLECENTE

Amei como nenhuma mulher amou
Sofri angústias por não conter este amor
Que invadiu minh'alma como um mar
Envolvendo-me com suas ondas empoladas
E afogou-me no mais profundo dos abismos
Ninguém me entendeu nem mesmo meu pai
Que lutou para que eu não amasse assim
Mas como conter esta imensa cachoeira?
Que jorrava do meu inocente coração
Na verdade me entreguei sem reservas
Dei-me, toda minha própria alma entreguei.
Estava no meio de cegos que não percebiam
Como eu amava perdidamente
Usava-me quem me devia o mesmo amor
Tentei me controlar, mas como conter?
Um mar imenso me invadiu a alma
Como suportar tal afogamento?
Lutar; lutei terrivelmente, com todas as forças.
Esforcei-me para vencer com todo ardor.
Mas não pude vencer este amor
Por quem fui vencida e me fez prisioneira
Perdôe-me, pai, me perdôe.
Sei que também lutou
Com todas suas forças para me fazer ver
Mas eu me negava ver, aliás,
Não podia ver nada a não ser este amor
E se vivi um pouco, foi por este fogo,
Que me queimava... sufocava-me
E só consegui apagar com
Minha própria vida.

"Sanelva"

SE EU SOUBESSE PINTAR

Se eu soubesse pintar
Eu pintaria o céu
Pintaria as tardes
Escolheria as torres
Prenderia as bruxas
E passearia pelas nuvens

Se eu soubesse pintar
Pintaria a beleza
Não pintaria tristeza
Pintaria as profundezas
Ocultaria a feiúra
De todas as criaturas

Se eu soubesse pintar
Eu me pintaria de luz.
Não pintaria cruz
Só, o bem que se traduz.
Pintaria o vento
Descartaria todo lamento

Ah! Se eu soubesse pintar
Pintaria teu grito
Pintaria todos os crepúsculos
Todas as despedidas
Todos os sorrisos...
Ah! Se eu soubesse pintar.

ESTRELA CINTILANTE

Paz seja convosco, meu povo.
Hoje faz um ano que lhes devo uma explicação
Na verdade, parti tão rápida que não lhes pode falar.
Antes de tudo quero lhes dizer que estou muito bem.
Mas sempre olho para este lindo vale de onde fui colhida.
Ainda guardo comigo cada um de vós,
Os momentos de alegria que partilhamos juntos
E também os momentos de lutas, que vencemos juntos.
Naquela noite quando parti eu estava tão feliz,
Havia uma paz reinante naquele veículo,
Nenhum de nós via
Mas sentíamos uma presença angelical,
Era tão real a mão de Deus sobre nós
Que esquecemos de nós mesmos
E quando percebemos,
Já estávamos neste paraíso onde agora moramos.
Aqui não me preocupo com nada,
Mesmo porque sei que sois capacitados.
E que dariam continuidade a toda obra iniciada
É verdade que amo todos vós,
Mas sei que tinha uns mais chegados,
Aqueles que tinham um espírito idôneo,
Que sentiam, entendiam e viam da mesma forma,
Éramos mais que colegas de lutas,
Éramos íntimos amigos, éramos irmãos.
Eram discípulos leais.
E eu sempre lhes trazia as novas instruções,
Como naquela noite, que se fez dia eterno para mim.
Na verdade tinha algo a lhes dizer;
Mas agora já não preciso mais dizer nada,
Que lhes possa ser útil na obra, que ora fazem sem mim.
Somente quero lhes agradecer a vossa fidelidade,
O companheirismo, a comunhão que gozamos juntos.
Obrigada por tudo.
Desejo que sejam leais uns para com os outros...
E gozarão a paz de Deus em vossos corações.
Enquanto vos aguardo no reino da paz
Fiquem em paz.

À MARTA GIFFONI

LUA

Lua, donzela nua, na cama tua.
Navega entre plumas ao léu.
Desfila a musa dos poetas,
Na passarela imensa do céu.

Lua, estrada crua.
Onde só tu caminhas
Nesta imensa rua
Aonde vais sozinha.

Lua testemunha alada
Que passas calada
Nas escuras horas da madrugada
És por mim tão amada.

Lua nave melena
De face serena
Que me cultuas
Enquanto flutuas

Lua, que nas noites escuras, se esconde.
Sem sabermos onde.
Mas logo voltas e mostras face tua
E tu vens e passeias em nossas ruas.

CRÔNICA DE UMA LÉSBICA TARADA

Sou louca por uma fêmea
Mas só por fêmeas casadas
Havendo fusão da preposição **a** com o artigo **a**
Eu *trepo.
E se persistir com o pronome relativo (**à** qual)
Eu *trepo.
Não sou oportunista, mas por necessidade.
Eu *trepo.
Quando houver locuções adverbiais femininas
Eu *trepo.
Locuções prepositivas femininas
Eu *trepo.
Locuções conjuntivas femininas
Eu *trepo.
Na verdade eu adoro trepar as fêmeas.
E trepo a qualquer tempo, a qualquer hora:
À noite, **à** tarde, **à** uma hora**, às** quatro horas...
Eu *trepo.
Mas sou facultativa antes de nomes próprios personativos.
Sempre trepo o **¨a¨** quando posso
Substituí-lo por **ao** no masculino
Mas, nunca treparei o **¨a¨** antes dos machos.
Com exceção do; **à** moda de...
Trajado à Luiz XV
Palavras masculinas, verbos, pronomes pessoais,
Pronome de tratamento, pronomes indefinidos...
Nesses casos, eu nunca treparei.
Eu odeio os machos
Não é **à** toa que me chamam de **crase.**

*** O símbolo (`) crase**

CONFISSÕES MASCULINAS

Mulher; nossa canção festiva.
Que suaviza e alegra o ambiente,
Na verdade, este ser é como a brisa,
Que leva da flor o suave perfume,
Tão meiga como o cântico dos pássaros,
Delicada como o vôo das borboletas,
Somente o toque desta criatura,
Pode deixar o ambiente agradável.
Tu és o bálsamo de nossas dores,
O alento e recompensa de nossas fadigas,
Tudo que fazemos, no fundo das intenções,
É por ti, somente por ti.
Tu és o nosso refrigério, o ânimo em nossas lutas...
O teu sorriso nos anima e nos dá as boas vindas.
Como é lindo o sorriso de uma mulher,
E como o raiar do dia,
Que marca um novo recomeçar.
Meu Deus! Que seria de nós sem a mulher.
Não à toa que foi feita de nossa costela.
Certamente esta deve ser a causa
De nos fazer tanta falta.
Quando por nós,
Uma mulher passa, ficamos a contemplá-la;
É como uma deusa, queremos reverenciá-la.
O cascavelar de seus passos é como uma música;
Alegra, acalma e encanta.
E faz viajar a mais louca preocupação do homem.
E é por tudo que tu és.
Que te saudamos neste teu sublime dia.
A ti mulher, meu respeito,
Por seres um ser tão singelo.

ANIMAIS ASSOMBRADOS

Humano, fruto do terror.
Animal inquieto...
Que dilata as janelas dos olhos
Tagarela do pavor
Que acelera o medo em si mesmo
E contamina o grupo todo
O mais assombrado dos mortais
Fabricante da incerteza de seu coração
Animal besta que a tudo teme.
Caçador de sua insegurança
Que a todos vê como uma ameaça
Que se fez companheiro do pânico
Que sempre instiga e faz rival
Animal que cria a guerra dentro de si
Abutre de sua própria carne
Carnívoro cão disfarçado em cidadão
Antropófago camuflado de seus companheiros
Que sempre maquina contra seu próximo
Traidor de sua espécie
Inconfiável, quando busca seus interesses.
Vive como louco e enganado
Como se não soubesse, que é mortal.
.

EROS

Retido em tuas crinas, enquanto montada.
Reluziam os fios de tua garupa fogosa
O negro jorrava de tua cabeça
Eram rios escuros que escorriam
Para os vales de teu corpo
Fios pintados por vários sóis
Embebida fonte de alma selvagem
Dos gestos e traços lapidados
Ilusões dos olhos
Embriagados de fantasias
Mente encharcada
Do pêndulo amoroso
Palpitando no escuro
Os desejos ocultos
No silêncio navegam
Os olhos insaciáveis
Dos garanhões
Sonâmbulos e sedentos
Que navegam ruas e becos em busca
De tua carne macia e cheirosa,
Enriquecida...
De uma energia magnética
Que faz cada célula
Latejar na cópula
Num esforço voluntário e prazeroso
De uma potranca saciada
Que relincha após o ato cioso
E ainda se deixa ser cavalgada
Pelas brenhas de meus pensamentos.

TEMPO

Daqui alguns anos
Onde estão meus pejos?
Se é que vão ficar...
Onde encontrar meus desejos?
Meus latejos, e as ânsias de minha carne?
Meus dentes, minhas forças...
O que vai restar?
Onde andam minhas rugas agora?
Por que virão a mim?
E as dores...
Por que morarão em meu corpo?
É, certamente o cansaço...
Abalarão minha firmeza.
Humilharão minha alteza
E da morte,
Minha carne, minha vida...
Será freguesa.
E até minha insatisfação virá.
Sabes quando?
Quando o tempo roubar...
Minha beleza.
E em mim,
Morar moleza.

MISTÉRIOS NOTURNOS

Deslizei pelas correntezas,
Daquelas horas turvas.
No silêncio, apenas cheirei,
O ar perfumado de tua fonte.
Traguei as horas como fumo,
Enquanto as janelas me vigiavam,
Em seus cômodos iluminados.
Nas portas, atento, meu julgamento era feito.
Por uma mesa rude e cega,
Que de mim, nada carrega.
Deste corte feminino,
Donde flui o veneno
Que mata e sacia o desejo.
Depois farta os jornais
Famintos de assuntos banais
Que são defuntos orais
De uma noite crua e muda,
Que vomita as ações escuras
De animais noturnos e sedentos,
Que buscam mantimento
Pr'os seus anseios.
São entes vadios,
Ébrios de um instante,
Que na alvorada,
Estão dormentes...
Os amantes.

CACHOEIRA

Jorra da fonte,
É a luta das águas
Buscando um curso por onde seguirem
Quais nossas vidas,
Jorram de Deus.
E assim como a cachoeira,
Devemos seguir nosso curso.
E ter objetivos definidos
Para nossas vidas
É a lei da existência, a luta pelo ideal.
É a nossa única forma de permanecermos
De existirmos; não podemos estacionar...
Pois estagnados estamos à margem da degeneração.
Portanto seguiremos nossos cursos nesta vida
Contornamos, lutamos por transpor, os obstáculos,
Assim como as águas da cachoeira
Que unidas formam um rio e segue
Um curso, em busca de seu destino.
Corramos também a carreira
Que nos está proposta.
Criamos nossas estratégias
Batalhamos em prol deste ideal
Unindo nossas forças
Como as gotículas, que se unem...
E formam um rio caudaloso,
E rompe a todos,
Que lutam para impedir...
Sua jornada.

DESILUSÃO

Á vida, que nunca pude viver,
Sempre fui impedido dela gozar.
Quando esperneava o berço,
Em gritos, querendo dali sair,
Ali, mantiveram-me preso.
Quando andei, fecharam-me as portas.
Quando desejei amar;
Não pude.
Quando podia gozar,
Vedaram-me, este prazer.
Todos os dias, eu era afligido.
Um escravo, um dominado.
A vida, que me negaram viver,
Passei seus dias desejando,
Esperando o que nunca me aconteceu.
Iludiu-me a espera,
Espera, que me levou a trabalhar.
Não porque gosto, mas, pela remuneração,
Que, nunca comprou o que eu queria.
Antes, me privou das horas que desejava.
Levou-me ao cansaço, às fadigas,
Que apartaram de mim
As satisfações,
Que nunca por mim foram vividas.

PENUMBRA

Tudo cala, tudo aguarda.
No silêncio não ouço nem um eco
É a tarde, é a penumbra do dia.
Que aguarda a noite, inimiga do dia.

Percebe-se a mínima voz distante...
É a saudade, o anseio do peito.
Na solidão, aperta-se o coração.
No silêncio da boca da noite

Tudo medita, mesmo sem ser escrito.
Nossa alma lê: nossa vida, nosso vazio.
É carência, é tédio, é agonia.
Tudo isso, aparece no fim do dia.

Tudo turva, tudo se enluta.
É o lado escuro da terra
Onde se escondem os segredos do dia
E esta é a causa da nossa melancolia.

A HERANÇA DE UMA DESAFORTUNADA

Na vida nada tive.
Apenas desejei.
E nesta última hora,
Tu queres forçar, que eu herde,
Este triste caixão.
Não, não quero esta mortalha,
E desta eu abro mão.
Não, eu nunca desejei herdar de ti,
Este negro objeto.
Meu Deus! Que herança macabra,
Esta, que minha mãe quer me dar.
Meticulosa, fúnebre intenção,
Esta, e logo de minha mãe!
Nesta vida só tive má sorte,
E tu, ainda queres me entregar à morte.
Meu Deus, por que ela insiste,
Que eu herde esta desgraça?
Não, não quero, fique com ele,
Não o desejo.
Na verdade, eu desejei herdar bens.
De você e de mais ninguém.
E não aceito esta triste embalagem,
Em que não mora ninguém.
Oh! Deus, meu Deus tem pena de mim,
Pois nesta vida, só desejei.
E de minha mãe muito esperei,
E até agora nada ganhei.
E a desgraça que ela quer me dar,
Ninguém nesta vida deseja ganhar.
Este maldito caixão,
Onde deseja me enterrar.

NOITE

À noite, o segredo atua.
A solidão, sempre acentua.
E no coração que ama,
À noite tudo reclama,
Inclusive pela outra banda,
Que está distante
E também clama
Pra unir as peças,
Destes dois que sonham.

Noite, dona do silêncio,
Que nas horas calmas
Nos assombra a alma
Falando ao vazio escuro
Do coração da gente.
Mas quando a noite abre as pernas
E deixa passar o ser carente,
O sentimento vai a um tempo eterno
E a noite torna em bem, a dor demente.

Noite, estrada nua.
Por ti caminho, como uma rua.
Enquanto procuro,
A outra metade tua.
Onde o dia, tão sozinho mora.
E a noite tão tristonha chora
E meu ser também implora
Pelo amanhecer de um novo dia,
Quando tudo se torna
Em harmonia.

SINFONIA ECOLÓGICA

Corrente cristalina
Cílios do rio
Olhar verdejante
Paraíso das aves
Aroma agreste
Lodo
Penugens virginais das águas
Nicho
Diversidade de criaturas silvestres
Cântico
Júbilo da fauna em adoração
Fragrância
Gratidão das pétalas
Sabor
Frutos de árvores agradecidas
Ventos
Liberdade da aragem campestre
Pólens
Orgasmos de novas vidas
Cópula
Delícia de todos os machos
Harmonia
Prazer de quem ama
Sol
Luz que ilumina e revela a natureza
El Shadai
Pai da arte natural.
Trovão
Voz do homem universal.
Silêncio
Mestre dos poetas eruditos.

SEDE DE AMAR

Naquela palhoça
Encontrei-a e dei-lhe
O que merecia;
Meu afago, meu trago...
E bebeu tudo sem respirar
Depois, deixou-me acariciá-la...
E como nunca,
Debruçou-se sobre mim,
E gemeu; no escuro, no meu peito.
De onde, seu cheiro quente...
Subia-me pouco ofegante,
De uma fêmea astuta,
Obcecada pelo amor,
De cujo macho agreste,
Vinha a satisfação dela,
Que delirava como uma gazela,
E nas ancas carnudas,
Tal macho acariciava
A meiga donzela.

DESTINO

Sonâmbulos passos de meus pensamentos,
Que vagam nas ruas escuras de minha cabeça,
São errantes e confusas imagens,
Que buscam fugir de meus ideais;
Ásperas lembranças, perdidas...
Que vão pelas trilhas solitárias,
Turvas, são águas que jorram de minha fonte,
Imaginações ébrias, que me arrastam,
Pelos corredores da eternidade
São caracóis, cãs dos anos...
Que me chegam; são barcos do tempo,
Que me roubam os ideais.
Consumidas são as horas...
No meu silêncio,
Escuto as engrenagens de meu destino.
Minha vida escoa nas horas...
Arrastando meus desejos,
Todo meu vigor e prazer,
Presos estão em meus pensamentos.
Mesmo assim continuo,
Sigo em meu caminho sem volta.
É o sonho,
A ilusão dos mortais.
É a vida,
O curto espaço, que lhes cabe...
Antes de seu triste destino.

VIA

Cheguei,
Olhei,
E contemplei
O deslumbrante lugar de meus encantos.

CÂNTICO SILVESTRE

Cheguei e cheirei o mato
E me deitei à sombra dos sabiás
Agucei toda minha concentração aos tímpanos
E logo saboreei o gorjeio lindo do cerrado
Uma quenquém me acuou assustado
Um beija-flor cirandou, e o nambu deu seu brado.
Um grito ecoa do pintasilva na verde mata.
Um berro me vem do bem-te-vi e um gavião me espreita,
Enquanto ouço o urro distante e melancólico da juriti,
Misturado com o silêncio agreste do sertão,
Que me esconde o murmúrio dos chorós
E das lagoas me vem a voz dos socós.
No meio de tal orquestra ouço o zumbido,
Das moscas que me farejam a carne.
Alguns mosquitos me entram pelos ouvidos,
Enquanto um urubu me ronda por cima, desejoso.
O dia é turvo e o sol oculto está.
Por espessas nuvens de fins d'água.
Saudoso, ouço o cântico das rolas.
E o suspense diálogo dos anuns,
Mistura-se ao canto choroso dos piririguás.
Ainda ouço os tetéus alarmantes,
Enquanto silva a perdiz.
E onde está meu cântico?
Meu cântico é a admiração que tenho,
Do cântico do cerrado,
Este cântico virginal silvestre,
O cântico sagrado da natureza.

ÍMÃ DO AMOR

Essa força, fruto da solidão,
Força que arrasta o corpo em nome do coração,
Força que emana do desejo,
Força do impulso tirano e carnal.
Da ardente ânsia do prazer,
Desejo jovial, latente... Que frigia e coça.
Pêlos de uma cunhã,
Ondas e cascavelar de uma fêmea humana.
Cobra do amor, caracóis do prazer.
Manchas de um imaginário coito masculino.
Ilusão de um macho, que deixa fluir fantasias,
Que veste a alma deste animal,
Enquanto incita os nervos da carne,
Sentimento roxo na madrugada,
Atração canibal, que se sacia de carne feminina,
Aguçado tino, sedento orifício entre pelos,
Centro e destino da crua satisfação felina.
Animal no cio, síntese dos estímulos,
Caminha o vulto nos becos da paixão,
É a busca puramente natural,
Que cumpre o simples papel de ser animal.

ÁGUA MOÇA

Gota d’água transparente, ingênua e inocente.
Onde se planta, rega e germina a semente.
Tua carne, cor cereja de tua intimidade.
Cor roje e carmim, cor do pecado sim.
Vou farejando na ponta das ventas,
Teu cheiro de alecrim e jasmim.
Que acelera minha carne,
Cheiro de pomares.
Cheiro dos mares,
Amor que morde,
No corpo, tudo sacode.
Na cama pasta uma novilha,
E um coração palpita em mim.
Enquanto solvemos no pálido cálice
O vinho no odre do amor, de cor carmesim.
Este amor que alarde, amor que ladra em mim.
Minha estrela nua, lábios de lua, minha menina crua.

DÊ AO POETA

Dê o melhor de si ao poeta,
Pois só ele merece.
Dê seu colo e ele sonhará.
Dê o que você imaginar,
E ele se acalentará como um bebê.
Dê moça; e serás lembrada em seus poemas,
Dê virgem; e teu nome será imortalizado.
Dê seu precioso fruto e ele solverá com ânsia.
Dê seus lábios e ele os embalsamará num verso.
Dê seus seios e ele mamará suaves palavras.
Dê seus olhos e ele verá a eternidade.
Dê sempre, dê; e aguarde em silêncio.
Dê seu tempo, seu corpo, seu tudo.
Dê ao poeta uma visão e ele sonhará.
Dê ao poeta seu coração e nele mergulhará.
Receba o melhor do poeta e voe.
Descanse nas palavras do poeta e sonhe.
Deseje tudo que você imaginar de um poeta.
E ele te saciará com seus mais íntimos sentimentos,
Pois só ele pode expressar,
O que os outros sentem sem falar.

NAVEGANDO NO MAR DAS PALAVRAS

Vejo-as nas ondas do mar de minha imaginação. Estão fervilhando e formando imagens visualizadas apenas pelos olhos da alma. São mensagens que como comboio me levam pelo espaço infinito, me desvendando novos mundos, desbravando novos reinos e invadindo a mente e os corações dos ouvintes. São palavras formando histórias e, como a correnteza das águas, arrastam a imaginação de todos e transportam no barco da ficção humana. E assim a palavra grita no labirinto profundo de cada ouvinte e diz: Vou às nuvens cantando meu verso e criando meu próprio universo e fazendo meu rastro no infinito, nesta liberdade abro minhas asas e dou asas aos meus tripulantes para que absorvam toda beleza que lhes saciam, sendo-lhe arauto do eterno grito; a fim de que ouçam meu eco na amplidão. E quando não sou ouvida, sou lida na muda linguagem das letras, onde deixo meu próprio segredo impresso. É isso: quero me abrir ao mundo, ser lida e entendida por todas as gerações, quero fazer de todos, navegantes desta liberdade criadora que transporta a todos. Quero soltar as algemas dos seres insulados e transformá-los em viajantes transcendentais...

Mas não quero ser vítima de minha liberdade. Por isso me declaro sobre o mais fino papel que ninguém pode tocar, mas se quiser ler o que compus abra todos os rolos escritos os pergaminhos... Pois sobre os céus meu texto vai passando em flocos brancos que se faz e se refaz. Escrito pelo punho do mais nobre escritor.

Estou no cortejo real viajo entre os nobres estou sempre entre a roda de amigos. Onde sou eu quem rege, quem dirige as emoções de meus companheiros, tenho comigo a chave de um mundo em que todos viajam pela imaginação que eles mesmo criam, sou o maestro das palavras e tanjo com a vareta de minha língua o rebanho que me ouve, sou o pastor que conduz a todos aos corredores fictícios de uma ilusória viagem onde flutuam os espíritos dos mortais. Minha mensagem é um rio caudaloso que arrasta os seres que são passageiros deste comboio transcendental. Levo nos caracóis de minhas ondas os que se deixam navegar ao mundo das fantasias emanadas das artes literárias, que produzem uma nova ótica imaginária nos seres que ainda acreditam nos sonhos.

Somente eu tenho a capacidade de transportar os prisioneiros a um mundo de liberdade sem causar danos a guarda responsável

Eu prometo a cada um o poder de se transportar pelo universo de um mundo colorido somente exijo uma coisa que me escutem, que lêem.

MUSA

Um gesto um semblante manso
Massas de enfeites, que te compõem.
Cor turva de uma madrugada escura
Rumando ao alvorecer do dia
Risos brancos, pétalas do coração.
Cheirando a concórdia dos seres
Néctar suave do diálogo
Que faz o elo na amizade
Trazendo as criaturas ao acordo
Tem porte elegante de uma deusa
Que vaga nas sensações dos seres.
O mais profundo gosto do amor
Brota de sua boca, quando semeias a paz.
Teu colo, regaço de uma mãe que acaricia.
És a doce brisa que suaviza as dores da alma
Tua palavra é o brotar de uma fonte
Que sussurra a calma canção universal
Ouvida e entendida apenas por eruditos
Nas horas silenciosas do meditar
És o mosteiro santo que reúne os anjos
De ti brotará a paz, somente a paz.

O ENCONTRO

Desliza minh'alma no infinito
Num vôo pálido-celeste
Nas revoltosas ondas do mar gasoso
Entre melodias de cálida cor
Esvaem-se meus planos de um ente terrestre
Ensopado de orvalho angelical celeste
Encaixados nas espumas da memória
De um solto ar do peito, de alívio...
Mergulhado na dimensão sideral
Navegam os anéis saturninos
Envoltos de minhas sagradas vestes
Durante o cortejo nupcial
Da entrega de minh'alma
Ao Mestre: da vida, dos segredos...
Ao Senhor que me assiste,
De sua santa morada
Enquanto caminho no triunfal palmilhar
Pelo caminho reservado aos fiéis
Vou passo a passo ao seu encontro
Ao som de milhares de harpas
E no meio de retumbantes sons,
Das trombetas dos inumeráveis guardiões.
É a eterna entrega...
O encontro desejado.
O dia anelante de entrar na pátria
Dos escolhidos, dos vencedores...
Adonai, Maranata... Shalom
Undecaster
Reshua

DESNUDO

Vi, vi tuas pernas e estavam nuas.
Observei teus braços e estavam nus
E tua alma, de que se veste?
De segredos, de fantasias e tudo mais.
Curiosidade reveste teus olhos,
Por trás dos cílios felinos
Teu andar sedento me incita
Sisuda moral de tuas poucas palavras
Mas sei que teu silêncio,
Oculta algo que não queres dizer agora
Pois em tuas andanças,
Demonstras tuas ânsias
Andas sedenta e cheia de esperanças
Pelas ruas teu olhar verde,
Lança teu feminino veneno.
Ouço o clamor de teu desejo
Tua carne fresca espera ser saciada
Estás sozinha e buscas o másculo animal.
Campeia o desejado encontro
No escuro da noite te vestes de mulher
E deitas no teu leito solitário
Esperando o calor do homem
A cópula quente de nervos excitados
E vais ao banheiro imaginário
E limpa teu sonho
Logo após dormes
Como quem se satisfez.

AS ANFITRIÃS DO DESEJO

As bundas do mundo inteiro
São todas furadas, lascadas...
Apresentando-se com vários semblantes
Que às vezes se tornam engraçadas
Como aquelas de caras chupadas
Outras enrugadas e caladas
Algumas são bem arrumadas, carnudas,
Bochechudas e bem empinadas
Estas sim, são bem humoradas.
Mas outras aparecem empenduradas,
Batidas, caídas, inibidas, entristecidas...
Escorridas, encolhidas, secas de magras.
Mesmo assim desfilam, fazendo caretas...
Com suas faces acabrunhadas, desconfiadas...
Também tem umas emproadas, sisudas...
Nesse disfarce de múltiplas faces
Sempre trazem um convite e um enlace.
Elas são todas animadas e andam juntas
Afinal é um conjunto de duas bandas.
As bundas são bem carismáticas
E nos excitam quando passam.
Até parece que nos chamam,
Na verdade...
Bem sabemos que tem umas,
Que nos provocam.
E ninguém pode negar.

DOMÉSTICO

Quando por acaso me olhares
Que me olhes como um bicho.
Um animal qualquer, que vaga...
Que não me vejas como um homem,
Pois homem não sou.
Sou um fragmento de vida
De nervos tensos e olhos arregalados
De instinto aguçado e atento
Sou mais que nada, sou um ente...
Que sempre acorda na alvorada, como gente,
Tenho faro e fungo o ar
Como todo bicho sabe cheirar
Como todo bicho sabe desejar.
E nessa ânsia saio a procurar
Qualquer coisa a me saciar
Sou um bicho, tenho ânimo,
Sou o animal urbano, sou doméstico.
Que entre bichos, luta somente pelo pão,
Somente por preservar a minha semente.
Sou apenas o lobo do homem,
Não sou lobisomem.
Mas não gosto do ser social
Do ser cidadão, que sempre geme,
Sob o peso das opressões das leis,
Que o bicho urbano inventou
Para seu próprio mal.
Por isso desejo ser visto
Apenas como um animal.

UM SACO

O ser humano é um saco
Um saco furado, que vaza.
Um saco enrugado, velho.
Um saco que se enche
Com outro saco,
Que tem um saco
Saco mole, que oscila.
Equilíbrio de dois pesos
Saco que fede
Quando esvazia, vira molambo.
E a terra come e some
Que às vezes nos enche o saco
Com suas provocações
Saco que anda e pensa
Saco safado e besta
Que não ensaca a safra
Mas torna em adubo
Tudo o que ensaca
Na verdade este saco
Não vale mais que um saco
Que deseja e nunca se sacia
É um saco faminto e inconformado
Saco que nunca diz: Chega!
Já estou cheio!
Pára de me encher o saco!

O INSTANTE DO HOMEM

A danação do homem
É um instante
Apenas um instante
Pois num instante
Ele perde a razão
E peca
Contra si mesmo
Se levanta.
Quem poderia conter seu impulso?
Ou...
Quem lhe desarmaria desse instante
Apenas um momento
Desse instante
E o homem
Perde tudo.

ONDE MORAM OS ESTÍMULOS

Nas rugas está escondida
A mais procurada pelos eruditos
O sabor dos desejos que emanam
O gosto dos impulsos da carne.
Nas partes mais escondidas
Do meu corpo trago
O elemento dos prazeres, das delícias...
Que me instiga e me domina.
Arrastando-me pela sensação.
Nos meus olhos está escondida a cobiça
O que me conduz às concupiscências,
E me obriga a querer.
Na minha pele a sensibilidade
Trás encoberto
O delicioso de todos os mortais
Sou aberto aos toques
E por isso inclinado
Aos comandos do sentir
Que me obriga a atender aos apelos
Que jorram do meu cérebro.
Tenho o ânimo dos animais
Sou homem! O bicho da cidade,
Que se veste para cobrir suas vergonhas
Onde esconde o elemento do prazer.

QUE SOU?

Que sou? Sou um livro
Sou a máscara da vida.
Vida, fagulhas de um sonho.
As cores de um engano
A mensagem oculta
A voz não exprimida
De um desejo,
Não cumprido.
Interação das partes.
Lascas do que era
Cinzas do que foi.
Sou o consumo da vida
Mentes doídas, contidas...
Nos cantos das intrigas
Que passam sem serem notadas
Estou em mim
Debaixo de tantas capas me escondo
Sou riso no pranto.
Atrás do que digo, existo.
Tenho vários retratos
São minhas imagens fingidas,
Metamorfósicas.
De um mesmo ser, que tem muitos papéis,
Para poder ser, por ti, compreendido.
É meu lema, meu ser interagido.
Através de capas, de palavras...
Gestos ou linguagens não entendidas.
Faço minha parte
Sou molécula deste mesmo tecido
Que forma todo o Universo.

MAGLIAL

Na madrugada mirava eu
A lua tonta de sono
Que seguia seu rumo
Ao horizonte escuro
Na negra noite
Latia o amor em mim
Tuas ancas, ébrias de paixão.
Dormia sobre nuvens roxas
De tua nudez exposta ao céu
Mas eu temia te ofender
Manchar tua cor
Branca de inocência
Por isso me conformei
Apenas em te olhar
Enquanto mergulhavas
Por traz dos montes.
No horizonte

LABOR

Ouço o dia, o sol desperta,
Uma sinfonia vem das gaiolas
É hora de levantar
E sem perda de tempo
Troco a água dos pássaros
Reponho a comida
Limpo suas fezes
E satisfeitos...
Todos começam a banhar-se
Em suas vasilhas
E em suas cantarolas
Parecem agradecer-me
Pelo serviço prestado
E continuando em minha pressa
Tomo café e...
E o labor do dia continua.

VOZES DA SOLIDÃO

Sozinho...
Abancado em minha casa,
Meu coração...
Gritava como louco
Depois que perdi a mão da moça
Entristecido não aceitei consolo
Muito sofri ao ouvir tua voz final
Pela MPB voou meu coração desesperado
Amargurado, chorei rios por ti.
À noite em meu quarto,
Fechado do peito.
Certamente ninguém ouviu meu brado
Minha cruz me oprimia...
Não teve dó de mim.
Oh! Meu mar,
Meu lado salgado de dor.
Abraça-me, em tuas ondas,
Arrasta-me para longe daqui.
Quero sumir ao horizonte,
E Ser sepultado com o sol.

LÁ VEM A LUA

Lá vem a lua
Nua, na rua,
Lá vem a lua
Que sobe no mundo
Sob o olhar dos vagabundos
Lá vem a lua
Noiva minha? Ou tua?
Lá vem a lua
Nua e crua
No meio da rua.

FLOR DO AMOR

Jorra como a flor
Como a fonte
Como o romper do dia
No coração, a sintonia...
No elo dos amantes
O anjo que causa a dor,
É o mesmo cupido do amor.
Quando solitário e carente
O amor que não vem só
Nos aperta, e demente...
Chora o ser da gente.
Mesmo assim, as pétalas desta flor,
Brota... E no meio dos dois,
Surge o amor.

O LAÇO

Vem nos braços do vento
O abraço leve e solto do tempo
Vem o laço dos pensamentos
Vem o gancho dos trapos
Cruzo o laço no papo
Na transa, a dança...
Da dama e na lama
Mistura o osso na taça
Na graça e na raça.
Cruza o tempo no lenço
O beijo no pejo
No meio dos dois o taco
Rola a bola na cola
No fiar, a trança.
O velo do cabelo,
Gruda o mel do amor.
É satisfação no calor.
Cruzam as línguas, as pernas...
No meio dos seres
Cruzam as trapaças
E acham graça,
Sentam na praça
E olham...
E você passa.
E jogam o laço.

LINGUAGEM DO OLHAR

O que teus olhos dizem,
Não posso escutar,
Apenas entendo seu falar.
Também compreendo,
O que eles me suplicam.
Teu olhar fala alto,
E faz longos apelos.
Convidam-me a coisas
Que não posso dizer.
Provocam-me...
E depois,
Tu não queres assumir.
Mesmo quando entendo teus desejos,
Finges nada saber,
Do que na realidade sentes.
Teus olhos,
Te denunciam constantemente,
E creio,
Que sua linguagem é fiel.
E tu, por que desmentes,
O que tu sentes?
Na verdade,
Tu não podes enganar a ti mesma,
Pois teus olhos são sinceros,
Eles não sabem fingir.
Teus olhos,
Transmitem a luz do coração,
E não sabem mentir.

A TRISTEZA DA TARDE

Vestida de tristeza e de solidão
A tarde soprava lembranças de seus amores
Estava tão triste que me abateu o coração
Na verdade até o céu vestiu-se de luto
E uma brisa fria,
Trazia-me pensamentos melancólicos.
O sol envergonhado ocultou-se
E solitária a tarde ficou.
Sem sol, sem música e sem cor.
O desgosto aos pássaros dominou
Sumiram todos, nenhum cantou.
Deixaram-me só, diante da tarde,
Que calada nada falava de sua dor.
Quem teria ferido a tarde tão cruelmente?
Quem lhe magoou o coração?
Para estar tão triste.
Na verdade, a tarde estava de luto.
Não sei se seu amante havia partido
Só sei que algo dela tinha morrido
E mergulhou junta com o sol no horizonte.
Lá distante, chorosa, por trás dos montes,
Ficou a tarde a lamentar,
Porque naquela tarde,
Não quis amar.

CIMITUÍ

Tantas casas!
Tantas cruzes...
Pra que tantas moradas?
Se lá não mora ninguém.
Se no silêncio estão
Sei que lá não há ação
O solo fede, ninguém come de lá.
E tudo é mudo e surdo.
Não há explicação
Pra tantas casas sem população
Que cidade estranha é esta,
Que pra nada presta
Pra lá só vai o que resta
Deste pobre povo
Que não se mexe
Que lutou e acabou parado
Cidade esquisita, cidade maldita.
Esta aí,
Quem te aguarda calada.
Cidade malvada,
Que de lá não vem nada,
A não ser lembranças...
De pessoas amadas.

SHAKENNON

Almas ansiosas, anelantes.
Bestas berrantes bebem borras
Criaturas crescem carentes, cabisbaixas.
Danosas dunas, dementes, dilaceradas.
Éguas errantes, embriagados enigmas.
Fantoches falidos fogem famintos.
Girassóis grisalhos, grunhem gansos gagos.
Hediondas harpas habitam horas horrendas
Inatas ilhas, impenetráveis impueiras.
Juramentadas jaçanãs juntas jamais
Lodosas lagoas lacrimejantes.
Mortas moitas, mordidas medievais,
Nascentes noturnas, nunca navegáveis.
Ondas originais, onde ossos ocos ouvem.
Pavorosas palavras, populares pragas peçonhentas.
Queimadas queixas, quadradas quimeras.
Restam rotos retalhos rastejantes
Desprovidos, dráculas demoníacos decapitados.
Sentem sede, sanguinários sanguessugas.
Lobo, língua lastimável, lapidada.
Horrores humanizados habitam horas hostis.
Plagiam, palácios pálidos, pavorosos.
Vagando vítimas vaidosas, vagabundas.
Tumultos traficados tateiam turvos.
Ultrajados ursos uivam unânimes.
Xô, xodós xeretas, xadrezados.
Zumbem zebras zangadas.
Mesclando mediante mechas macabras.

KOXI

Bebe o ancião da fonte da donzela imaginária
Tateia cada pêlo finíssimo e dourado
Se perde no encantar do belo
Solve o veneno do prazer
Brilham os olhos do faminto macho
Embriagado está o pudor
Navega nas horas
Enquanto observa a musa
Lambe o tempo, envolto em saudade.
Cruzam os céus, os pensamentos.
Vai ao além o eco do medo
Escorrem os movimentos da vida restante
Vão as últimas caravanas de nuvens
No chiar das últimas chamas
Do poder Comer, beber...
Provar das delícias dos jovens.
Restam rotas fagulhas da vida
Cheira de longe o mundo dos adolescentes
Entorpecidos estão os movimentos
Pinga do céu o sangue, banhado de sol.
Ruídos noturnos assaltam as rudes criaturas
Nas asas do alado espírito do homem
Rincha o garanhão perdido
Afogado nas desilusões do dia
Sons melancólicos e fúnebres
Dor da partida, dor do que viveu.
Morrendo está o homem
Perdido nos ideais do ser
Que pensa e cria o inexistente
Mundo da imaginação.

LUA NOVA DE MAGLIAL

Vi quando ela passou
Brilhava e olhava para mim
Qualquer dia vou acompanhar a lua
Vou ver onde mora, em que rua.
Quem sabe no céu de tua boca
Ou além do horizonte de tua cabeça
Se eu soubesse o seu endereço
Pegaria o trem de fumaça que passa
Que cruzam os céus e nos seus braços
Eu me arrastaria a seus pés
Mas não sei seu endereço
Nem pra onde passas
Só sei que é cheia de graça
Tu sabes onde ela mora?
Eu mesmo não sei, e tu, ignoras?
Quando ela passa, enrola, embola.
Cobre-me com seu manto de luz
Afaga-me de ternura e demora
Outro dia me fez uma jura
Que me levaria no escuro
E esperei e não apareceu
Apenas um risco no céu eu vi
E pensei: por que ris?
E era lua nova.

SUICÍDIO

Foi como o partir-se de um galho
E o soltar-se ao mergulho final
Oh! Minha voz, por que não respondes?
Minhas filhas, não vos desesperem.
Nem abandonais vossas vidas
Clamem por minhas almas aflitas
Pois o gozo na morte é um engano.
Não quereis o abismo "nem vos soltais da vida"
Oh! Minhas ligaduras.
Não se rompem nesta agonia
Minha mão, não lhes negais, ajuda.
"Não ficais caladas"
Nem mudas.
Oh! Minha força, não se vá.
Pois, só tu me sustentas.

O MISTÉRIO

Moro na cidade
Em que a lua passa na estrada
Por onde as pessoas se arrastam ao rio que ruge
E desafiam os obstáculos neste sol
Que sisudo me olha na praça
Habito nas horas escondidas da vida
Que nem se declaram às estrelas
Quando escrevem no infinito
A história dos seres do Orion
Dos unicórnios sagrados
Sou o manto do tempo
Solto ao vento
Que deságua em dor
E embebe o mundo.
No escuro do oculto lugar
Surgem os sinais
De uma nova vida.
E nesse instante
Sou eu quem sobe
Ao mundo do nada
Formando e tecendo
Minha própria história
Copiando no sideral
Meu único trajeto
E desço humildemente
Para socorrer o sedento.

RIO ACARAÚ

Fio transparente de água cristalina.
Berço de humildes poetas ribeirinhos.
Onde o carnaubal vasculha ao vento.
Ao redor, o cântico triunfal silvestre ecoa.
Várzea alegre do grão e da fartura.
Em ti, orgulhosa acena a carnaubeira,
Por toda terra fértil de tua ribeira.
Mas teu rosto já mostra tristeza.
O homem cruel devasta sem dó tua natureza.
Escarrando por seus esgotos o veneno da poluição,
Não preservando a originalidade de tua criação.
Desmatam como loucos:
A ingazeira, a oiticica, o mulungú,
A pereira e o célebre juazeiro.
Tua fauna, parte dela sumiu assustada,
O vale silenciou pasmo
Ao ver tua flora queimada por oleiros.
Não ouço mais os cânticos altissonantes:
Das graúnas e dos canários amarelos.
Teus cardumes onde estão?
Será que não vão poupar nem o chão?
Pois valas de caeiras estendem-se por todo solo.
E já ouço teu grito de dor em todo vale.
Oh! Meu rio, meu manancial sagrado,
Querem dar cabo de ti.
Teu eco de dor eu ouço, teu clamor é profundo, tua mágoa...
Em breve será morte, o que de ti deságua, em resposta,
Por terem agredido teu ecossistema.

ECOLOGISTAS?

Os corais, quais pérolas,
Tornam o mar um encanto
Mas sei que o homem
Este bandido natural
Só sabe devastar a natureza.
Sempre que pode,
Cospe através de seus esgotos
Solta um hálito podre
E poluente de suas chaminés
Depois fala de ecologia
Cria leis ambientais
E ele mesmo
É o próprio transgressor
Este sim
É o único animal hipócrita
Que eu conheço.

MULHER

Quem suaviza e alegra o ambiente?
Quem acaricia o dia com seu sorriso?
Na verdade, este ser é como a brisa,
Que leva da flor o suave perfume
Tão meiga como o cântico dos pássaros
Delicada como o vôo das borboletas
Somente o toque desta criatura
Pode transmitir paz perene.
No romper do dia
Ela ilumina a todos
E atrai olhares.
Quando passa é como uma deusa
Todos a reverenciam com um gesto
Seu olhar, seu sorriso.
Arrasta após si, a admiração.
É como uma canção suave
Alegra, acalma e encanta.
E faz viajar
A mais louca preocupação dos homens
E é por isso
Que te saúdo neste teu dia
A ti mulher, meu respeito.
Por seres um ser tão singelo.

PENUGENS

Desço no profundo lugar dos teus segredos
Onde a beleza me convida a deliciar
A compostura dos teus enfeites
Nestes momentos onde me convidas
Ao banquete sagrado do amor
Deslizo na puberdade que te revestes
Sou o mais feliz dos animais
E sorvo o cheiro de tua fonte
Enquanto o sumo delicioso
De teu fruto me escorre e me sacia
E deliro sob o prazer
De um ente satisfeito.

POEMA A BELA CRUZ

Salve, oh Deus, a minha terra.
Terra bela e de encantos mil
No vale de tua beleza encerra
Desejamos-te com amor febril.

Tua origem ao pé do monte
De Genoveva, o devoto afeto.
Tuas histórias há quem conte.
Na memória de Souza Neto.

De Mário Louzada a Cachimbão
A grandeza de teu progresso apareceu
Dos prédios rústicos, só recordação.
E hoje podemos ver teu apogeu.

Das capacidades de seus filhos
Tua fama vai além dos mares
De longe vemos teu brilho
Que delícia esses teus ares.

Bela Cruz é uma mulher jovem
Do alvorecer ao entardecer, toda elegante.
Todos que te visitam de beleza se comovem
Não é de admirar que tu tenhas muitos amantes.

Como diz o jovem poeta de tuas nobrezas
Terra bendita, fértil e de águas cristalinas.
No lençol de teus vales, há doçura e beleza.
Terra sadia, de jovens robustos e belas meninas.

NAVEGAR

Vou às nuvens cantando meu verso
Crio meu próprio universo
E vou fazendo meu rastro no infinito
Nesta liberdade abro minhas asas
E solvo toda beleza que me sacia
E sendo o arauto do eterno grito
Ouço meu próprio eco na amplidão
Na surda linguagem das letras
Deixo meu próprio segredo impresso
Quero me abrir ao mundo
Ser lido e entendido por todas gerações
Não quero ser vítima de minha liberdade
Por isso escrevo toda minha história
Sobre o mais fino papel
Que ninguém pode tocar
Se quereres ler o que compus
Abra todos os rolos e pergaminhos
Pois sobre os céus
Meu texto vai passando
Em flocos brancos
Que se faz e se refaz
Escrito pelo punho sagrado
Do mais nobre escritor.

FACE

Mostruário que revela o escondido
De todas as criaturas
Espelho que reflete
A verdade latente do peito
E que também esconde
A verdade debaixo do fingimento
Terra misteriosa que encobre
Os segredos da raça humana
É o raiar das emoções
Iluminando o mais profundo
Do intento das criaturas
Janela e porta por onde saem
Os mistérios dos seres
Só tu podes falar no silêncio.

LUZ DO VALE

Foi como uma estrela cadente sumindo no infinito
Como os últimos raios de um sol perdido no entardecer
Como o apagar da luz de uma profecia;
Como o clarão de um repentino relâmpago
Naquele dia, escureceu-se o Vale.
Fechou-se o dia, encabulado e triste.
Quebrou-se a candeia na mais negra noite
Quando o caminho fechou-se como um cone
Para aquela que buscava os ditames de nossa educação
Tudo ficou enlutado e sem governo
Quando a mais nobre guerreira tombou
Em plena jornada de mais uma árdua batalha
Tudo ficou trevas em nosso íntimo
E todo coração ficou inconsolado
Ninguém aceitou tal fatalidade.
Por que não outra? Por que você?
Vai filha, teu pai te espera ansioso.
Cumpriste a missão, completaste tua carreira.
Recebe agora tua merecida coroa
Formada com os pedaços de nossos corações
Olhas para o norte, para o sul... Olhas ao redor!
Pois de todos os lados vêm chegando teus filhos
Teus amados e fiéis guerreiros
Eles te trazem honra e reconhecimento
Mesmo com nossos corações quebrados de dor
Estamos agradecidos pelo que fizeste por nós
Mas agora, vai filha, teu pai te chama.

À Marta Giffoni

ROSA SILVESTRE

Busquei acuradamente conhecer tua beleza
Que compõe teu habitat sagrado.
Desde o cântico agreste da terra
Até a mais simples erva do campo
Mergulhei por entre as pétalas
Das mais lindas flores do cerrado
Ao mais agudo espinho dos cactos
Não desprezei o mais simples inseto
Até voei entre as mais lânguidas borboletas
Enquanto saboreava o néctar mais puro,
Em companhia das abelhas nômades
Em minhas andanças indagava sempre
Aos mais experientes habitantes
Se porventura existia algo mais
Que não tinha sido anotado por mim
E foi sem querer que descobri você
Entre todas as rosas, a mais bela,
Tenra como a mais meiga criança
Pura como as correntes de um rio cristalino
Doce como o mel e suave como a brisa
E te amei profundamente, te vi como uma fada,
Como uma rosa silvestre, raríssima...
Cheirosa, macia e lapidada pelo artista divino,
E sem perceber tu mergulhaste em meu coração
E lá ouço constantemente teu cantar
Mais lindo que a sinfonia mais alegre do campo
Que a natureza entoa no alvorecer das chuvas
Onde árvores floridas exalam seus perfumes
E a bicharada canta de prazer
E todo este cântico para homenagear você.

TU TENS PENSADO?

Eu tenho pensado,
Tenho pensado em ti.
Tenho te visto em meus pensamentos
Imaginando teu ser em muitos momentos.
Procurado te encaixar em minha vida
Fazer de ti uma parte de meu mundo
Desfrutar contigo o bem nesses segundos
Levar-te aos meus costumados passeios
Falar-te dos meus planos e anseios
Conhecer o que pensas em teu coração
E se na verdade tens por mim atração
É, eu tenho pensado,
De ter você ao meu lado
Se for possível, me chegar mais perto.
E ter de você as respostas certas
E não ser mais um alguém iludido
Pois sei que sabes que não sou fingido
Apenas sou sincero, mesmo que bem introvertido.
Não posso negar-te que também sou inibido
Sim, eu tenho pensado
Porque tenho de ti me afastado
E muito pouco, contigo, tenho falado.
E não tive mais chances de estar ao teu lado
É, na verdade eu não tenho achado
Este meu comportamento em nada engraçado
Será que por ti também sou amado?

FILLÊR

Teu ser, figura que seduz
Entre freios e frios
Feixes flâmulas
Fizeste fluir
Tua faixa esbelta,
E inocente do teu olhar
Teu riso, largo, solto...
Liberdade inspirou teu rosto.
Pomar de teus pêlos púbios
Virginal pudor
Donzela melena
Tua cor, madrugada serena!
Nos braços do teu amor.

MÃE

Mãe, doce voz que canta.
Que embala e acalenta o pranto
Figura terna, que transmite paz
E que o tempo jamais desfaz
E que triste padece
Quando o filho adoece
Velando no escuro que a noite traz

Oh! Como é bom dizer: Mamãe!
Quando de algo temos medo.
Pra ela não temos segredo
Logo contamos toda nossa emoção
E confessamos o que temos no coração
E com ternura, nos afaga em suas mãos.

Mãe é como a luz do lar
Que a todos ilumina e dar
O caminho e o amor sem par
Ser mãe é se dar, é sempre amar.
Em seu colo meu coração estar
Minha alma ali quer descansar.

Oh! Minha mãe, nossa mãe.
Que se daria em troca do teu amor?
Quanto vale teu coração?
Na verdade não se tem noção
Do valor de tua afeição
Oh! Quanto valor tem uma mãe.

TROPISMO DA ARTE

Vai, minha imaginação
Rompendo o real e rumando
Ao fictício lugar das interpretações
Curvando os obstáculos,
Que lutam contra minhas criações
Inclinando minha vida aos desafios
Que o mundo traz no dia-a-dia
Onda das águas que espumam na terra
E sopra formando minha história
Escrita nos detalhes que as dunas fazem.
Levando o pó e inclinando o artista
A visualizar a arte do existir
Envolvida em cada ser
Muitas vezes perdida
E sem olhar a estética
De cada musa...
Que fala através da beleza
E dando gosto ao olho
Que come o impressionismo
Escondido no apreciar
De cada um.

QUERO

Aquecer teu sangue
Chupar teus pensamentos
Te deixar oca
Te fazer louca

Rasgar tua memória
Apagar tua história
Te levar esquecer
Te fazer desaparecer

Beber teu sumo
Fazer meu consumo
Te levar ao céu
Te despir ao léu

Morder tua nuca
Te deixar maluca
Pisar teu ser
Te ver estremecer

Ouvir teu grito
Gravar teu delito
Te fazer amor
Te sugar na dor.

INCOMPATÍVEL

Surgiu como uma nuvem escura
Uma muralha impenetrável nos dividiu
Fez-se trevas, meu caminho
Não pude ver nem escutar mais nada
Perdido fiquei e apalpava o caminho
Como cego cambaleei no escuro.
Mendiguei, meus desejos não foram atendidos.
Nem clamor ninguém ouviu, nem conspirou meu grito.
Nem minha dor desatinada foi consolada
Angústias me prenderam como grilhões
E cativo mergulhei nas ondas do tempo
E me cobriram os anos como ondas revoltosas
E no funil das águas fui arrastado
Em meu cativeiro não vivi, apenas suspirei.
O ardor subiu pelo meu nariz e gritei novamente
Afogando meus olhos, lagrimejaram meu nó.
O peito envenenado ficou pelas provocações
Ninguém me livrou, meu clamor foi ignorado.
Meus braços se estenderam em busca de ajuda,
Mas não houve socorro, fui abandonado.
E no deserto, sedento fiquei a esperar.
Me iludiu a espera e envelheci
Tudo fugiu de mim, e meu vigor secou.
Nenhum orgulho pingou em minha alma
O céu de bronze se calou a meu respeito
E conclui, estou só.

DELÍRIO DO AMOR

Quando te vi, meu amor deu gritos silenciosos.
Lá no íntimo, ouvi quando ecoou meu sentimento.
Meu coração calou covardemente
Mas o meu desejo era gritar todo meu amor
Pois sempre quando te vejo, não sei calar.
Acelera tudo em mim, meu íntimo estremece.
Minhas ânsias latejam e jorram carentes
E se contorce de dor, o amor latente.
Pois temo dizer o que sinto quando te vejo
Tenho medo da língua dessa plebe demente...
Dos olhos que me miram, curiosos, maldosos.
Se sonhar, vou te dizer tudo.
Quando pensar, te levarei enrustida.
Nas abas de meu desejo secreto
Quando por ti passar, quero te provar,
Se possível beijar teu fruto, sugar.
E ouvir o vasvalhar de teus pêlos
Que se enroscam nos meus desejos
Quando desejar, vou me saciar de ti.
O amor está louco e grita
Delírio, utopia, qualquer fobia...
Quando tu fores, leva-me contigo.
Quando dormires, abra a porta para mim,
Deixa-me mergulhar em teu aquário
E escrever sobre o teu corpo
O mais lindo poema de amor
E contar também o que pensas de mim.

CÉLICA SENSAÇÃO

Naquela tarde quando o sol
Abriu o olho para me ver
Contemplei uma jovem do meu lado
Linda, era linda como a alvorada.
E do outro lado, um ancião de dias
Os cabelos brancos como a neve
Me fitava com seu rosto cansado
Lá ao longe ouvia o gorjear
Da mata verde, banhada pelo sol.
E numa sinfonia
Uma rola chirriava no entardecer
Juntando sua voz.
No horizonte, nuvens formavam.
Montanhas brancas, torres...
Que ameaçavam espetar os céus.
Deslizava meu olhar
Pela relva verde.
Um tapete a natureza teceu,
Para que eu pudesse andar...
Nessa harmonia de cor.
Enquanto isso,
Uma brisa me soprava a pele
E assanhava o frio do meu corpo.
E voei ao infinito dos céus
Por meus pensamentos.
E te encontrei...
Oh! Amável e deliciosa paz.

O NÃO DA POESIA

Não se pode limitar a poesia a uma definição
Não se faz poesia, ela já existe.
Não se fabrica, ela é autônoma como uma fonte.
Não se pensa no que vai criar, pois ela já vem à tona.
Não se pede para um poeta que lhe faça uma poesia.
Não se pode, pois a poesia quando quer, aparece.

Não está sujeita a normas, a regras...
Não foi certa nem justa a ação parnasiana
Não foi legal, como não é legal forçar o amor.
Não é direito do amor jorrar quando quer?
Não é a profecia do profeta, mas de Deus.
Não é a poesia do poeta, ele é apenas o vaso da poesia.
Não se segura a poesia
Não existem limitações para ela.
Não se limita ao tempo nem ao poeta
Não vou definir a poesia, nem posso.
Não vou compará-la a nada
Não posso contradizê-la.

SINTONIA

Encaixa o belo
Em cada combinação
No brilho branco,
Esconde um negro olhar
Luz que escorre de tua face
Espumam do teu corpo
O frescor do mar
E desliza por teu nariz
O aroma do amor
Escondido
Em tuas partes ocultas
A sensibilidade
Do sentir do tato
Vão minhas mãos
Nas nuvens de tua cabeça
E teu orvalho desce
Por tuas pernas,
Até o chão
Riquíssima é a tua fonte
Que sacia meu ego,
O lobo humano.

POEMA DA MISÉRIA

O desejo do povão é sufocado.
No cumbuco do indigente não há sal,
Há apenas promessas gravadas.
No reboco de suas memórias,
Não traz consigo a luz,
Das notícias dos governantes.
Desconhece a intenção politiqueira.
Vaza a rede com seus famintos.
Geme o moleque ao pé do fogão.
Cospe o poder na face da plebe.
Faz propaganda a barriga vazia.
A carne humana é vendida nas praças.
O pai de nada é dono.
O bigode se esconde na rua.
A mulher é vista como alimento.
Os olhos das cercas escondem o medo.
O mato cala a desgraça.
O urubu ronda a gleba faminta.
O paiol espera mantimento.
O forno quer ser aquecido.
A prensa não dá gemidos.
A panela quer acordar.
A eleição passou e a tripa roncou.
Passou as palavras prometidas.
Pára o coração de esperar.
A noite é vinda.
E o silêncio calou a cidade.
E nos couros, dorme os ossos enganados.

DITOSA MANHÃ

Quando mergulhei
Na escuridão de teus segredos
E quando a noite de teus cabelos
Cobriu-me no silêncio do meu coração.
Temi falar o que sentia
Pois meus olhos
Já tinham bebido tua beleza
E as correntes de meu prazer fluíam,
Dancei nas curvas
Torneadas de tua compostura
Mergulhei em teus olhos
E procurei ver,
Se minha imagem tinha algum sentido para ti
Minha alvorada
Oh! Quase me afoguei junto aos teus lábios,
Quando o mel me escorria
De tua boca trêmula
E vencido por tua beleza me escondi
Nos negros pêlos que cingiam tua cabeça.
E vendo tuas orelhas enchi a boca d'água
Pois desejei morde-las de tão carnudas.
Debrucei nas paredes do teu sentimento
E despiu-me o desejo e envergonhei-me.
Ter navegado em terra tão desconhecida
Era madrugada, quando as flores de teu corpo
Recebiam o orvalho da vida.
E as sementes germinavam no teu coração
E visualizei teus montes
E eis que tudo era verde em nosso leito
E muitos pássaros cantavam
Nas fontes cristalinas de tua boca.
E o sol nascia em teu horizonte.

OS NOBRES DE BELA CRUZ

Nasci em teu regaço de mãe
Quando nascias em tua liberdade.
Oh! Amada e bela terra,
Que sobre teus seios e montes
Deliciava junto aos teus pomares,
Este teu filho, que a ti enaltece.
Em minha mãe chorei no ventre,
Pelo gozo da tua primeira eleição.
Apenas abria os olhos, de tão tenro.
Mas mostrei meu riso a ti terra bendita.
Oh! Cândida, é meiga habitação.
Como posso esquecer-te neste teu dia
Filha mimosa, filha virgem do Acaraú.
Princesa deste imenso vale verdejante
Venho saudar-te, oh, Berço amável.
De gente amiga e pacata
Amo teu solo de vales e montes
Tuas águas cristalinas e saudáveis
Em minhas veias corre o sangue dos nobres
Dos teus primeiros habitantes
Que aqui chegaram de Portugal
O Patriarca, o Araújo de tuas origens.
Os Silveiras e os Costas dos altos
Terra dos majores, dos capitães e dos alferes.
Dos médicos, dos escultores e dos poetas.
Dos músicos e seresteiros que tocam e cantam
Uma lua apaixonada deste sertão pastoril
Do alto da Genoveva a Santa Cruz e Bela Cruz
Não me importa o nome, teu solo é o mesmo.
Amo-te, amo-te terra de meu eterno repouso.

TECENDO A TEIA DA SOLIDARIEDADE

Tece a aranha,
Tecem os galos o amanhecer,
Mas de quantos fios se tece a amizade?
Tecem os severinos com a plebe da vizinhança,
Enquanto se tece a solidão nos corações.
Gemem os nós nas vísceras dos indigentes,
Nos vômitos das palavras soltas,
No dia-a-dia da nossa agonia
Na voz de Ricardo Ramos
Com fome dos conectivos necessários.
Às vezes, não entendidos nem mesmo pelas macábeas solitárias.
Palavras tecidas das sementes e de entes marginalizados.
Sem esta interação de gotas e pingos não há chuva
Nos sertões severinos... De corações rachados pelo sol causticante
Não havendo palavras, gestos, olhares...
Não haverá solidariedade, mas solidão!
Não ouve essas vozes? Estes semblantes?
Esses olhos que imploram?
A qual aquarela de cores, raça, costumes me entrego?
Oh! Conectivo sagrado de um abraço universal!
De uma raça com outra raça.
Mas a quem me dedico?
Aos molambos. Aos trapos.
Aos pedaços de um povo sofrido?
Não! Não quero ser surdo! Não quero ser mudo!
Aos abandonados, aos frustrados.
Aos marginalizados de si mesmo
Quero ser o abraço universal... Que teça: da voz, os pedidos,
Dos olhos, os desejos; dos ouvidos, os clamores.
Mas a quem me dedico? Aos escondidos...
Aos anônimos. Aos sem-nomes.
Ao sem-endereço. Ao sem-preço?
Não. Não quero ser um anjo mudo.

Não quero cruzar a rua com o ar da indiferença.
Quero ver nos olhos. Quero ver gente, ouvir o que sentem.
Olhar com os olhos da alma meus semelhantes
Passar o pente e alinhar um diálogo e escutar o afago,
Me sentir em casa com Macabeá.
Não. Não quero solidão. Quero comunhão.
Tocar o sol. Brilhar o sol.
Tocar o dó e ter dó dessa gente só.
Solar até formar a música da solidariedade.
De um novo amanhecer.
Mas a quem me dedico? Aos excluídos?
Aos que têm fome de uma vida digna?
Sim, quero ser o exterminador da solidão, do egoísmo.
Dos seres insulados.
Da incompreensão, do preconceito, do individualismo.
Que arrasta o homem para o fundo do poço.
Quero ser o conectivo dos povos. O elo da comunicação.
O fio que tece a manhã do encontro.
O acordo dos que choram calados.
No seu mundo seco e solitário.
Sim, quero ser solidário.

OBRAS DO AUTOR

Lamentos da Alma
Itarema-Ce 1986

Identificando o Verdadeiro Cristão
Bacabal-Ma 1996

Questionando as Coisas do Espírito
Bacabal-Ma 1996

O Paraíso de José
Bela Cruz-Ce 1997

O Caminho do Peregrinar
Bela Cruz-Ce 1998

Vozes Mélicas
Bela Cruz-Ce 1998

Crônica da Ânsia
(Luta Interior)
Gijoca-Ce 1999

O animal
São Luís-2007

Visões Célticas
Rio das Aranhas-Ce 2008

CONFISSÕES DE UM BEBÊ

Vem raiando...
A aurora de minha existência,
Combinações invisíveis dos sistemas.
Meu pulsar secreto,
Insondável coração.
Misterioso fato... Inexplicável.
Contido nas veias da vida.
Que move nas sensações do ser que sou.
Esta coisa abstrata,
Que me faz mortal.
Meu sol...
Minha mãe, percorrendo meu tempo.
Tecendo-me no oculto de seu ventre.
Tu és minha razão de ser, Adonai.
Minha condução invisível...
Que desejo ver.
Logo que sair, Chorarei...
Emocionado por ti.
Tu és a mais desejada de todos os mortais.
Tu és mãe, minha mãe,
O berço de minha vida.

MARUJO SAGRADO

Atrás do chiar da fonte
Uma sombra escura ocultava.
Enquanto um fúnebre som metálico,
Que um sino murmurava
Repetia o coro sagrado.
Na velha catedral inerte
O velho homem frio
Vencido de morte esperava.
Os últimos elogios da plebe
No peito o eco retinia
Uma dor calada, abafada.
Enquanto o altar apenas assistia
O motejar de águas turvas.
De uma âncora perdida ao léu
Em busca de reter o barco pálido
Do velho vulto, empoeirado.
E nestas curvas do tempo
Um ser demente aguardava
O mover das ondas, das cordas.
Ao lume, os olhos, curvos.
Nadava o solo, debaixo dos pés.
E assim o velho marujo descia,
A sua última morada.

O PONTO FINAL

Sonâmbulos passos de meus pensamentos.
Vagam nas ruas escuras de minha cabeça
São errantes e confusas imagens
Que buscam fugir de meus ideais
Ásperas lembranças, perdidas...
Que vão pelas trilhas solitárias
Na fúnebre tarde da cidade mortuária
Para onde foram as esperanças dos vivos
Tudo ali finda, até mesmo,
Até mesmo os mais brilhantes sonhos
E saberão que é tudo igual,
Que não há retorno,
Que somos partículas deste imenso cosmos
Onde uma só lei governa
E que para onde tudo corre,
Por mais lindo que fosse;
Ali só restará a carcaça e o pó.
E se é só isso...
Por que não viver os ideais
Quando estão em nosso alcanço?

O Animal

Plauto Araújo

LEGADO

Morre o homem,
Como morre qualquer animal.
Todos têm,
O mesmo fôlego de vida.
E nenhum,
Tem vantagem sobre o outro.
Todos vão,
Para o mesmo lugar.
Pelo que vi,
Não há coisa melhor,
Do que, alegrar-se o homem.
Em seus desejos,
E isto, quando vivenciados,
Como qualquer animal,
Pois esta é a única recompensa,
Que tem em lutar,
Para manter-se vivo.

Um é racional
E o outro irracional.
Como posso provar isso?
Pra mim, o que diferencia,
É um fazer arte.

Plauto Araújo